
O CÓDIGO PRETOGUÊS NA DANÇA DO CONGO

THE 'PRETOGUESE' CODE IN THE DANCE OF THE CONGO

YUJI GUSHIKEN

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

- ENSAIO FOTOGRÁFICO -

As mulheres negras executam a Dança do Chorado na praça central. Nos arredores, os homens negros executam a Dança do Congo. O Chorado se realiza em dança de roda. O Congo, na marcha de um labiríntico cortejo. Em certo momento, as pessoas que observam o chorado saem para acompanhar o cortejo do Congo, no qual homens portam espadas, rigorosos trajes em tom escuro, camisas listradas, longas faixas brancas transversais sobre o torso, adornos de plumas e enfeites de flores e fitas coloridas.

As performances informam a realização da Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade, fundada em 1752, numa época em que Portugal e Espanha disputavam delimitações territoriais onde hoje é o oeste de Mato Grosso, à beira do rio Guaporé e já próxima à fronteira com a Bolívia.

Vilabelenses chamam de “Festa” porque evocam, ao longo de doze dias, em festas seguidas e quase simultâneas, a devoção à Nossa Senhora do Rosário, a São Benedito, à Mãe de Deus e adoração à Santíssima Trindade. Os registros fotográficos, feitos com câmera de telefone celular de marca sul-coreana, já descartado pela obsolescência planificada das tecnologias digitais, são da Festa de 2013.

Naquele ano, o inverno de estiagem característica em Mato Grosso trouxe temperaturas baixas sobre o Vale do Guaporé, um entremeio geográfico de Cerrado, Pantanal e Floresta Amazônica.

Revejo as fotos do arquivo, aciono lembranças e pondero que imagens podem mesmo, anos mais tarde, se darem a função de “evidências históricas” (BURKE, 2017), que, mesmo não traduzindo todas as narrativas nelas contidas, ao menos as apresentam visualmente à consciência de quem se dispõe a vê-las. Naquele dia, como lembram as fotografias, fomos arrastados de um lugar a outro pelas distintas performances, sem saber muito bem o roteiro da Festa e sem entender de antemão os sentidos dos rituais e seus códigos visuais, sonoros e gestuais.

Historiografia sobre Mato Grosso apresenta as festas em Vila Bela da Santíssima Trindade condicionadas pelas estruturas políticas desde o século XVIII (SILVA, 2008), mas igualmente subjetivadas pela população negra através de complexas narrativas no campo cultural (LIMA, 2000). A Dança do Congo, como marca de africanização pela gestualidade, performava, através de visualidades e sonoridades, o “pretoguês” verbal de que falava a antropóloga e filósofa Lélia Gonzales (1988) ou a “escrita corporal/oralitura” argumentada pela dramaturga e ensaísta Leda Maria Martins (2003).

Codificadas figuras, incompreensíveis movimentos, que alteram nossa percepção motora, num criativo vocabulário corporal e longo enredo de guerras simbólicas que só os senhores do Congo pareciam decodificar. Naquela Festa de 2013, em meio à multidão no entorno das ruínas da Igreja da Madre da Santíssima Trindade, capturamos imagens de atos performativos nas ruas de uma cidade virtuosamente recriada pela população negra.

América, segundo Lélia Gonzales (1988), para além de América, é uma categoria que define um sistema etnogeográfico de referência, criação propriamente negra, dos afrodiáspóricos que vivem hoje, mas também dos que viveram no passado. Vila Bela, abandonada pela população branca no século XIX, se manteve com o trabalho da população afrodescendente.

Nas palavras da antropóloga Maria de Lourdes Bandeira (1988), a cidade tornou-se “território negro em espaço branco”. O imaginário ibérico, denotado pela religiosidade cristã no batismo da cidade, ganha um sentido amefricanizado na invenção de um modo negro de cultuar santos no catolicismo popular.

Na Dança do Congo de Vila Bela, os conflitos étnicos e históricos, apaziguados na formação da identidade nacional brasileira, se registram nas representações de batalhas entre reinos do mundo ibérico e do mundo africano. Por isto, o folguedo, entre brincadeira e arte dramática, carrega aquela distinção de um modo de criticamente dizer algo em forma de movimento. Neste epistêmico pretoguês coreográfico ou escrita performativa do corpo, a população negra atualiza a condição de amefricanidade, segundo a realidade em que vivem no oeste mato-grossense.

Em alguma medida, o Vale do Guaporé mantém a imaginação criativa, hoje rara e valiosa, das singularidades culturais processadas no tempo. Na região, onde vivem também indígenas chiquitanos, o registro de ajuda mútua entre negros e indígenas é uma marca do modo de vida inventado, até como compensação e reinvenção da vida social hoje para os conflitos aos quais foram historicamente submetidos.

As distintas diásporas por que passaram nossos antepassados tiveram como atualização, ao menos para nós, esta experiência, no limiar do dizível e do compreensível, sobre o que significa, em Vila Bela da Santíssima Trindade, a relação entre etnicidade e performatividade como invenção de um lugar (físico e simbólico) no oeste brasileiro.

Vila Bela da Santíssima Trindade, *appee niffee deebiru*. Para nós, diaspóricos, e que vivemos entre distintas diásporas, o que falamos, dançamos ou performamos em português, pretoguês, ladino ou uchinaguchi soa tão familiar quanto estranho.



Senhores na Dança do Congo: Cortejo e convite para a missa na Festa de São Benedito



Folguedo: Antes e depois da reza, brincadeira e arte de performar conflitos históricos



Jogo de cores no figurino: Camuflagem no cipoal das linguagens visuais



Sob o Sol de Mato Grosso, função prática e poética dos adereços



Detalhes artesanais floridos dos adereços na Dança do Congo



O cortejo do Congo performa, e as pessoas o seguem pelas ruas

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território negro em espaço branco**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

GONZALES, Lélia. A categoria político-cultural de Amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, jan./jun. 1988.

LIMA, José Leonildo. **Vila Bela da Santíssima Trindade-MT**: Sua fala, seus cantos. Orientação: Tânia Maria Alckimin. 2000. 233 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/268957>. Acesso em: 25 maio 2020.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, língua e memória. **Letras**, n. 26, p. 63-81, jun. 2003.

SILVA, Gilian Evaristo França. **Festas e celebrações em Vila Bela da Santíssima Trindade no século XVIII**. Orientação: Leny Caselly Anzai. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2008. Disponível em: <http://dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 25 maio 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Profa. Dra. Cícera Nunes (Urca/Crato) pelas observações e sugestões ao texto.

SOBRE O AUTOR

Yuji Gushiken

De origem diaspórica okinawana (Pacífico Norte Ocidental), nascido em Cuiabá (Sertão Oeste do Brasil). Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT). Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cidade (Citicom-UFMT). Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM-UFC), sob supervisão da Profa. Dra. Maria Érica de Oliveira Lima.

E-mail: yug@uol.com.br

COMO CITAR ESTE ENSAIO FOTOGRÁFICO

GUSHIKEN, Yuji. O código pretoquês na Dança do Congo. **Passagens:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 11, n. 1, p. 182-189, jan./jun. 2020.

RECEBIDO EM: 17/06/2020

ACEITO EM: 22/06/2020